

**Julho de 2022**

# O impacto da guerra nas importações não-energéticas

## **Nota Rápida de Prospetiva**

Unidade Técnica de Prospetiva e Planeamento

## **FICHA TÉCNICA**

### **Título**

O impacto da guerra nas importações não-energéticas  
Nota Rápida de Prospetiva 06

### **Data**

27 de julho de 2022

### **Autoria**

Unidade Técnica de Prospetiva e Planeamento (UTPP) – PlanAPP  
João Pedro Ferreira, Universidade da Flórida

### **Nota**

Este documento faz parte de um conjunto de Notas Rápidas de Prospetiva que têm por objetivo analisar os impactos e potenciais respostas à crise gerada pela invasão da Rússia à Ucrânia.

### **Edição**

PlanAPP – Centro de Competências de Planeamento, de Políticas e de Prospetiva da Administração Pública  
Rua Filipe Folque, 44  
1069-123, Lisboa  
e-mail: utppgeral@planapp.gov.pt

# O impacto da guerra nas importações não-energéticas

Em 2019, último ano pré-pandémico, as importações de Portugal de produtos não-energéticos aos países que estão diretamente envolvidos no conflito Rússia-Ucrânia (Rússia, Bielorrússia e Ucrânia) representavam cerca de 0,7% das importações nacionais de bens. Adicionando os produtos energéticos, este valor ascendia a 1,7% das importações. Estes valores são relativamente baixos, considerando o total das importações portuguesas.

Contudo, alguns destes produtos não-energéticos importados são essenciais para a atividade produtiva da economia portuguesa e o consumo das famílias.

O milho, o peixe, os óleos vegetais alimentares, os produtos químicos-fertilizantes, o ferro e o aço são os produtos não-energéticos importados mais vulneráveis aos impactos da guerra. Em virtude disto, a agricultura, a indústria química e metalúrgica, a construção e o consumo das famílias são os setores mais afetados.

Em 2019, a estes países corresponderam 38,6% do total das importações de milho na economia portuguesa; 50% das importações nacionais de diferentes espécies de bacalhau congelado; 58,6% da importação total de sementes de nabo silvestre ou de colza; 78,7% das importações totais de “hidróxido e peróxido de magnésio; óxidos, hidróxidos e peróxidos, de estrôncio ou de bário”; 66,7% das importações totais de “compostos de função nitrilo”; 35,3% das importações totais de produtos ferrosos obtidos por redução direta dos minérios de ferro; e 21,3% de ferro-ligas.

Esta nota aprofunda o impacto que os principais produtos não-energéticos importados destes países têm na produção e no consumo das famílias em Portugal.

A Rússia, a Bielorrússia e a Ucrânia, no seu conjunto, além do setor energético, são importantes produtores mundiais de bens agrícolas e alimentares e de produtos químicos e metálicos.

Partindo das importações de maior valor de produtos provenientes destes países, esta nota detalha o seu papel nos consumos intermédios de vários setores da atividade económica e no consumo das famílias. Contudo, é importante realçar que esta análise não esgota todos os fatores de transmissão do conflito para a atividade económica portuguesa, sobretudo por não incluir o impacto no setor energético<sup>1</sup> e os impactos indiretos nos restantes setores da economia.

<sup>1</sup> O impacto no setor energético já foi analisado em Notas Rápidas de Prospetiva anteriores.

## Milho, peixe, óleos, produtos químicos-fertilizantes, ferro e aço são os produtos não-energéticos importados com maior vulnerabilidade

Em 2019, Portugal importou da Rússia, da Bielorrússia e da Ucrânia cerca de 1,36 mil milhões de euros em bens, o que corresponde a 1,7% das importações internacionais de bens e 7,2% das importações de fora da União Europeia (UE). Para este valor contam, em grande parte, os 507 milhões de euros importados da Rússia em 2019 de “Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos”, bem como os 227 milhões de “Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos”<sup>2</sup>. Além destes dois produtos, há ainda a assinalar um importante contributo para as importações portuguesas de mais de 563 milhões de euros em outros produtos não-energéticos (que correspondem a 0,7% do total das importações portuguesas), que, em alguns casos, não têm tido a mesma exposição mediática ou sido alvo de análise tão apurada por parte da generalidade das instituições internacionais.

A Ucrânia é a origem de um terço das importações portuguesas de milho (as importações da Rússia são residuais para este bem). O primeiro grupo de produtos que se destaca a partir da análise da balança comercial portuguesa corresponde aos produtos agrícolas e alimentares. O total de importações de cereais da Ucrânia equivale a cerca de 148 milhões de euros, dos quais 143 milhões correspondem à importação de milho e 5 milhões à importação de cevada.

Para se compreender a relevância destes números, de um ponto de vista mais agregado, **os cereais importados da Ucrânia correspondem a quase 20% (18,6%) do total de importações de cereais na economia portuguesa e 41% do total de importações extracomunitárias deste produto**. Além disso, todo o choque que o mercado dos cereais tem sofrido em termos internacionais resultou numa espiral de subida de preços, cuja evolução é de difícil previsão.

Mais de 50% das importações de “Sementes de nabo silvestre ou de colza” têm origem na Ucrânia. Em 2019, Portugal importou 36 milhões de euros deste bem e 19 milhões de euros de óleo de origem vegetal. A despesa com as importações **de óleo de girassol da Ucrânia estima-se em 15,4 milhões de euros, correspondendo a 65% das importações extracomunitárias e 25% das importações totais deste bem**. As importações de óleo de soja, por sua vez, custam a Portugal cerca de 4,1 milhões de euros e correspondem a 30% das importações totais deste bem e a 55% das importações extracomunitárias. Estes dados demonstram o grau de dependência nacional das importações da Ucrânia em relação a estes tipos de óleos.

**A Rússia fornece praticamente 50% das importações nacionais de diferentes espécies de bacalhau<sup>3</sup> congelado**. Neste âmbito, é de salientar a importação de 88 milhões de euros de produtos de peixe da Rússia – 86 milhões são de peixe congelado e 2 milhões são de peixe salgado e fumado.

---

<sup>2</sup> Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) e preparações não especificadas nem compreendidas noutras posições, que contenham, em peso, como constituintes básicos = > 70% de óleos de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto os que contenham biodiesel e resíduos de óleos).

<sup>3</sup> Bacalhau-do-Atlântico (*Gadus morhua*), bacalhau-da-Gronelândia (*gadus ogac*) e bacalhau-do-Pacífico (*gadus macrocephalus*), congelados (exceto subprodutos comestíveis de peixes das subposições 0303.91 a 0303.99).

**Além dos produtos agrícolas e alimentares, uma outra importante fatia do comércio com estes países corresponde a 102 milhões de euros de importações de “Produtos das indústrias químicas ou das indústrias conexas”.** Destes, 98% correspondem a importações da Rússia e são divididos em “Produtos Químicos Orgânicos” (81,2 milhões de euros), “Produtos Químicos Inorgânicos e outros compostos” (14,1 milhões de euros) e “Adubos” (6,8 milhões de euros). Tanto os Produtos Químicos Orgânicos como os Inorgânicos são, na verdade, um agregado de subprodutos de natureza distinta. Entre estes produtos, destacam-se os “hidróxido e peróxido de magnésio; óxidos, hidróxidos e peróxidos, de estrôncio ou de bário” e os “compostos de função nitrilo”, que representaram 78,7% e 66,7%, respetivamente, das importações nacionais totais destes produtos. Estes produtos, no seu conjunto, são aplicados em diversas atividades: no tratamento de águas subterrâneas, como fertilizantes de solos, na refinação do açúcar, em sínteses orgânicas e na produção de tapetes, mantas ou cobertores, entre outras atividades industriais.

Além destes produtos químicos, existem ainda 6,8 milhões de importações de adubos. Deste grupo de produtos, salienta-se a importação de 6,1 milhões de euros de “Adubos (fertilizantes) minerais ou químicos, azotados (nitrogenados) [exceto os apresentados em tabletes ou formas semelhantes, ou ainda em embalagens com peso bruto igual ou inferior a 10 kg]”. Deste volume, 4,6 milhões são importados da Rússia e os restantes da Ucrânia - as duas economias somadas são responsáveis por cerca de 5% das importações internacionais portuguesas deste produto.

**Logo a seguir às importações de produtos químicos, um dos principais bens não energéticos importados são os produtos metálicos comuns.** Portugal importou, em 2019, cerca de 51,5 milhões de euros da Rússia, 44,6 milhões de euros da Ucrânia e 2,5 milhões de euros da Bielorrússia - 98,9% destas importações são de “Ferro fundido, ferro e aço”. Apesar de ser uma das principais importações portuguesas com origem nestas economias, **as importações destes países correspondem apenas a 4% das importações totais deste produto e a cerca de 14% das importações extracomunitárias.**

Destacam-se ainda dois outros bens que são relevantes para explicar a dependência de matérias-primas que Portugal tem em relação a estas economias. Em 2019, Portugal importou 20,4 milhões de euros de madeira da Rússia, sendo 18,4 milhões de euros de “Madeira transformada”<sup>4</sup>. Há ainda a salientar a importação de mais de 16 milhões de euros de “Borracha sintética e borracha artificial derivada dos óleos”<sup>5</sup>, sendo a Rússia responsável por 12,5% das importações totais e 28,2% das importações extracomunitárias feitas pela economia portuguesa.

Uma análise aprofundada da balança comercial portuguesa permite identificar os principais produtos não-energéticos que poderão significar maior vulnerabilidade para a economia portuguesa face à turbulência ou incerteza associada ao momento atual. Estes bens estão detalhados na Tabela 1, incluindo todos aqueles cujas importações valem mais de 5 milhões de euros ou que representam uma percentagem importante das importações totais ou extracomunitárias. Em suma, esta tabela representa 524 dos 563 milhões de euros (93%) de trocas comerciais de produtos não energéticos com a Rússia, Ucrânia e Bielorrússia.

<sup>4</sup> Madeira contraplacada, madeira folheada e madeiras estratificadas semelhantes (exceto painéis de madeira chamada densificada, painéis celulares de madeira, painéis para soalhos, madeira marchetada ou incrustada e painéis reconhecíveis como partes de móveis).

<sup>5</sup> Borracha sintética e borracha artificial derivada dos óleos, em formas primárias ou em chapas, folhas ou tiras; misturas de borracha natural, balata, guta-percha, guaiúle, chicle e gomas naturais análogas com borracha sintética ou borracha artificial, em formas primárias ou em chapas, folhas ou tiras.

**Tabela 1** – Produtos importados mais expostos ao mercado russo, ucraniano e bielorusso em 2019, em valores absolutos e percentagem de importações totais e extracomunitárias

<b>Produtos</b>	<b>Valor de importações em 2019 (Milhares €)</b>	<b>% das importações totais</b>	<b>% das Importações extracomunitárias</b>
<b>Hidróxido e peróxido de magnésio; óxidos, hidróxidos e peróxidos, de estrôncio ou de bário</b>	7730	78,7%	99,2%
<b>Compostos de função nitrilo</b>	36908	66,7%	73,4%
<b>Sementes de nabo silvestre ou de colza</b>	35970	58,6%	64,0%
<b>Bacalhau-do-Atlântico congelado</b>	85820	49,2%	80,8%
<b>Madeira contraplacada, madeira folheada e madeiras estratificadas semelhantes</b>	18320	40,2%	74,8%
<b>Milho</b>	142802	38,6%	50,6%
<b>Produtos ferrosos obtidos por redução direta dos minérios de ferro</b>	18183	35,3%	35,7%
<b>Óleo de soja e suas frações, mesmo refinados</b>	4102	30,2%	55,2%
<b>Borracha sintética e borracha artificial derivada dos óleos, em formas primárias ou em chapas, folhas ou tiras</b>	15256	28,3%	12,5%
<b>Óleos de girassol, de cártamo ou de algodão e respetivas frações, mesmo refinados</b>	15446	25,5%	65,2%
<b>Ferro-ligas</b>	5652	21,2%	88,2%
<b>Produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado, laminados a frio</b>	18936	15,9%	25,9%
<b>Hidrocarbonetos cíclicos</b>	41810	10,1%	13,4%
<b>Sulfatos; alúmenes; peroxossulfatos (persulfatos)</b>	1786	9,6%	20,8%
<b>Cevada</b>	5330	8,5%	99,8%
<b>Adbos (fertilizantes) minerais ou químicos, azotados (nitrogenados)</b>	6077	8,1%	73,1%
<b>Produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado, laminados a quente</b>	37933	7,8%	15,5%
<b>Desperdícios e resíduos de ferro fundido, ferro ou aço</b>	13795	4,0%	39,3%
<b>Fios de ferro ou aço não ligado, apresentados em rolos</b>	2494	3,5%	15,1%
<b>Ácidos monocarboxílicos acíclicos saturados e seus anidridos</b>	1826	3,4%	25,4%
<b>Sementes de girassol, mesmo trituradas</b>	1001	1,1%	97,7%
<b>Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão para reciclar</b>	6717	0,5%	6,6%

Fonte: INE e cálculos próprios.

Além destes produtos, cuja exposição parece ser mais “direta” para a economia portuguesa, existe ainda a possibilidade de ocorrer uma espiral de subida de preços noutros bens, por via dos choques nas cadeias de valor. Tal já se tem verificado no caso do trigo, dos fertilizantes e da madeira. A título de exemplo, o choque nos produtos químicos está já a gerar um aumento substancial dos preços associados aos fertilizantes, com uma subida de preço destes produtos, em média, a atingir 110,3% nos mercados internacionais, entre o princípio do ano e maio<sup>6</sup>.

Contudo, é importante salientar que a relevância de um setor para a economia não se mede apenas pelo valor monetário da sua produção, mas pelo papel que desempenha junto dos restantes setores da economia. Um exemplo relativamente recente em Portugal foi a greve dos camionistas em 2019. O peso deste setor no conjunto da economia é relativamente reduzido, mas o papel que desempenha na distribuição de produtos levou a uma quebra significativa da produção num conjunto alargado de setores (por exemplo, na alimentação e bebidas, agricultura, energia, transportes, telecomunicações ou no turismo).

## Os setores mais afetados incluem a agricultura, a indústria química e metalúrgica, a construção e o consumo das famílias

Nesta secção, analisam-se os principais setores de atividade que utilizam os produtos identificados como mais vulneráveis à instabilidade e incerteza dos mercados dos países envolvidos diretamente no conflito: “Milho”, “Peixe”, “Óleos, gorduras animais e vegetais brutos (exceto azeite)”, “Produtos Químicos Orgânicos e Inorgânicos” e “Ferro e Aço e Ferro-ligas”. Os valores utilizados têm como base a matriz de recursos e empregos de 2017 das contas nacionais do INE na sua forma mais detalhada<sup>7</sup>, conforme detalha a Tabela 2.

**Tabela 2** – Resumo dos produtos não-energéticos importados da Ucrânia, Rússia e Bielorrússia, com maior exposição na economia portuguesa (2019)

<b>Produto</b>	<b>Valor das importações em 2019 (Milhões €)</b>	<b>% das importações totais</b>	<b>% das importações extracomunitárias</b>
<b>Milho</b>	185,4	38,6%	50,6%
<b>Peixe</b>	87,9	4,6%	14,8%
<b>Óleos, gorduras animais e vegetais brutos (exceto azeite)</b>	19,6	2,9%	29,4%
<b>Produtos Químicos Orgânicos e Inorgânicos</b>	102,1	4,9%	13,6%
<b>Ferro e Aço e Ferro-ligas</b>	97,3	4,0%	13,7%

Fonte: INE e cálculos próprios.

<sup>6</sup> Comissão Europeia, *Price Dashboard*, No 120, May 2022 edition, 27.06.2022 ([https://agriculture.ec.europa.eu/data-and-analysis/markets/price-data/price-dashboard\\_en](https://agriculture.ec.europa.eu/data-and-analysis/markets/price-data/price-dashboard_en))

<sup>7</sup> A versão de 2017 é a mais detalhada, a mais atual e a que melhor permite compreender as interações entre os produtos e os diferentes sectores produtivos da economia nacional. Como este modelo não beneficia do mesmo nível de desagregação dos dados da Tabela 1, só foi possível restringir a análise de interações inter-industriais aos produtos e ramos de atividade apresentados na Tabela 2.

A Tabela 3 mostra, para dados de 2017, o consumo destes produtos, indicando a sua origem – produção nacional; importações; margens, impostos e subsídios – em termos percentuais. As secções seguintes detalham os principais ramos e setores de atividade que consumiram estes bens.

**Tabela 3** – Consumo dos produtos não-energéticos com maior exposição na economia portuguesa (2017)

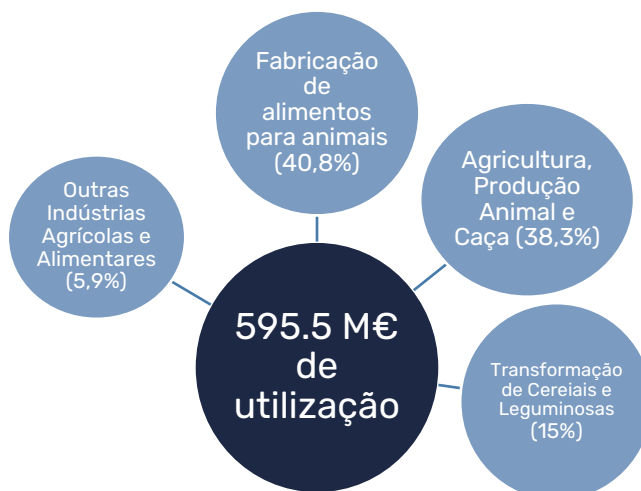
Produto	Valor total do consumo (Milhões €)	Produção Nacional	Importações	Margens <sup>8</sup> , Impostos e Subsídios
Milho	595,5	61,3%	23,0%	15,7%
Peixe	1723,2	22,4%	19,5%	58,1%
Óleos, gorduras animais e vegetais brutos (exceto azeite)	935,5	54,2%	20,6%	25,2%
Produtos Químicos Orgânicos e Inorgânicos	2896,8	46,8%	48,7%	4,5%
Ferro e Aço e Ferro-ligas	3211	40,1%	56,4%	3,5%

Fonte: INE e cálculos próprios.

## Milho afeta a atividade agrícola e produção de alimentos para animais, mais do que o consumo direto das famílias

A oferta de milho satisfaz uma procura com origem em diferentes ramos de atividade da indústria transformadora. Na Figura 1 apresenta-se o valor do consumo total de milho (ao centro), bem como o seu consumo pelos quatro principais ramos de atividade na economia nacional.

**Figura 1** – Consumo de Milho por Ramos de Atividade e Sectores



<sup>8</sup> Margens de distribuição, i.e., margens comerciais e de transporte.



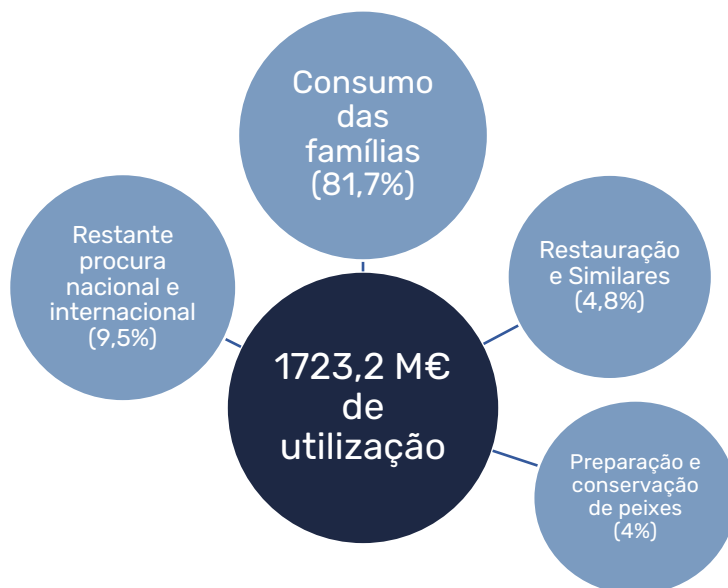
Uma disrupção no mercado internacional de “Milho” ou uma alteração substancial dos preços parece ter o potencial para afetar algumas das indústrias da economia portuguesa, uma vez que se trata de uma matéria-prima importante para a agricultura e para a fabricação de alimentos para os animais. Com efeito, o “Milho” corresponde a cerca de 23,4% dos *inputs* consumidos pela indústria de “Fabricação de alimentos para animais”. Esta indústria é uma das mais importantes do setor alimentar e, em 2017, contribuía com cerca de 120 milhões de euros para o PIB português. O consumo das famílias não é diretamente afetado, uma vez que a sua aquisição de “Milho” é residual, mas será indiretamente afetado pela pressão dos preços na cadeia de produção (por exemplo, o aumento do preço da ração para as galinhas faz aumentar o preço dos ovos e o aumento do preço do alimento para a agropecuária faz aumentar o preço da carne e do leite).

## Pressão inflacionária no peixe congelado afetará, em primeiro lugar, o consumo direto das famílias

A oferta de peixe serviu fundamentalmente para satisfazer a procura das famílias portuguesas, mas também as necessidades de alguma da indústria transformadora, como mostra a Figura 2.

Contrariamente ao “Milho”, prevê-se que uma espiral de subida de preços do “Peixe” ou restrições do lado da oferta possa afetar diretamente as famílias. O aumento do seu custo, aparentemente, virá a ser maioritariamente suportado pelas famílias e, eventualmente, por alguns grossistas e retalhistas.

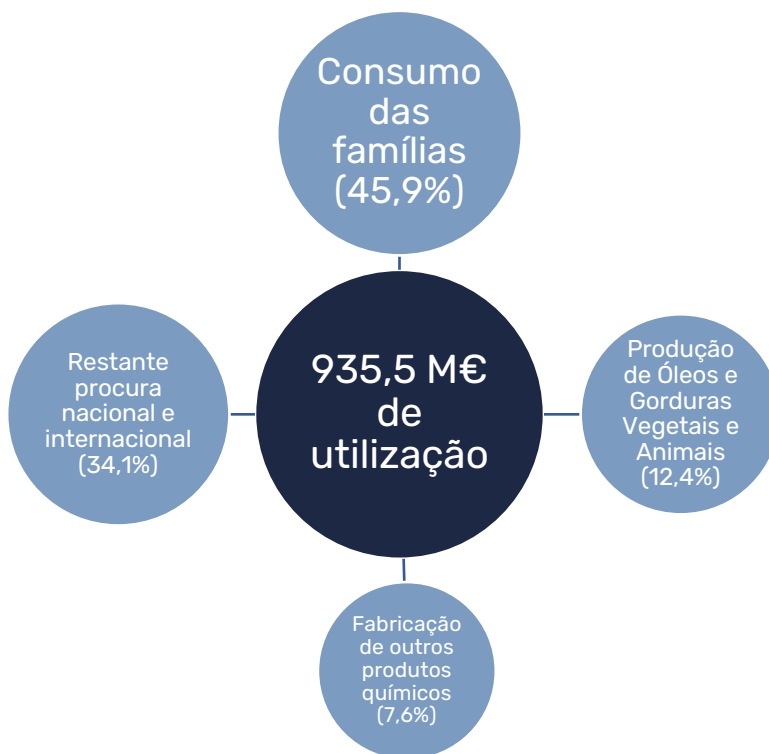
**Figura 2** – Consumo de “Peixe Fresco e Congelado” por Ramos de Atividade e Sectores



## Vulnerabilidade no fornecimento e preço dos óleos alimentares também afetará, sobretudo, o consumo direto das famílias

O uso dos “Óleos e gorduras refinados e produtos associados” na economia portuguesa serviu, tal como o “Peixe”, para satisfazer a procura das famílias portuguesas, mas existem também ramos da indústria transformadora que necessitam de consumir este produto para manter a sua produção, como mostra a Figura 3.

**Figura 3** – Consumo de “Óleos e gorduras refinados e produtos associados” por Ramos de Atividade e Sectores



Uma componente importante do consumo de óleos corresponde ao consumo direto das famílias. No entanto, há também um conjunto de ramos de atividade cuja produção fica mais vulnerável caso se observem choques na oferta destes produtos. Dado que alguns destes bens têm uma natureza muito específica, importaria perceber os graus de substituíbilidade e em que medida um aumento dos preços pode conduzir à utilização de produtos alternativos.

## Produtos químicos irão impactar várias indústrias transformadoras

A utilização de “Produtos químicos orgânicos e inorgânicos” na economia portuguesa, representada na Figura 4, corresponde a um *input* importante para a indústria transformadora.

**Figura 4** – Consumo de “Produtos Químicos Orgânicos e Inorgânicos” por Ramos de Atividade e Setores



A utilização de produtos químicos orgânicos e inorgânicos é feita de forma difusa por vários sectores da economia portuguesa e a exposição a um choque generalizado nestes produtos vai seguramente afetar a indústria transformadora em Portugal. Um importante aspeto consiste em perceber, tal como no caso dos Óleos alimentares, qual o grau de substituíbilidade de alguns dos produtos que podem ver a sua oferta ou disponibilidade diminuir devido à guerra.

Além dos sectores identificados na Figura 4, há ainda outras áreas de atividade que, apesar da sua menor dimensão, podem vir a ser amplamente afetadas por esta conjuntura. Um exemplo disso é a “Fabricação de fibras sintéticas ou artificiais”. Para este sector, relativamente pequeno da economia portuguesa, mais de 52% dos seus consumos intermédios tem origem em “Produtos químicos orgânicos e inorgânicos”. Por esta razão, uma disrupção no fornecimento destes bens pode afetar significativamente a capacidade produtiva, considerando a incapacidade de encontrar substitutos disponíveis e a preços que estas indústrias possam suportar. Seguindo a mesma lógica, do total de *inputs* consumidos pelo sector de “Fabricação de pesticidas e de outros produtos agroquímicos”, cerca de 29% corresponde também a “Produtos químicos orgânicos e inorgânicos”.

## Ferro e Aço irão afetar diretamente a indústria metalúrgica de base, produtos metálicos e, em menor grau, a construção

O consumo de “Ferro, aço e ferro-ligas” na economia portuguesa, representado na Figura 5, satisfaz a necessidade de um conjunto de indústrias, direta e indiretamente.

**Figura 5** – Consumo de “Ferro, Aço e Ferro-ligas” por Ramos de Atividade e Setores



O “Ferro” é também ele uma importante matéria-prima de uso transversal. Desde a fabricação de máquinas à construção, muitos são os sectores de atividade que de forma direta ou indireta necessitam desta matéria-prima. A exposição direta de Portugal é residual, com as importações de “Ferro” da Rússia e da Ucrânia a contarem para menos de 4% do total importado. No entanto, uma subida de preços acentuada deste produto poderá ter consequências em alguns dos setores de atividade referidos na Figura 5.

Conclui-se que a procura de certos produtos potencialmente mais expostos ao presente conflito pode afetar algumas indústrias ou a procura final. Por um lado, há produtos alimentares, como o “Peixe” e os “Óleos”, que são mais usados pelas famílias e como tal espera-se que, a haver uma disrupção, ela seja mais sentida pelos consumidores finais e, como consequência, também pelos retalhistas. Por outro lado, há produtos como o “Milho” ou o “Ferro” que podem ter impacto no normal funcionamento de outras indústrias e, por via da cadeia de valor, interferirem no normal funcionamento da economia.

Existe, portanto, uma necessidade de aprovisionamento destes produtos, num mercado mundial sujeito a grandes perturbações na produção e nas cadeias logísticas, com o consequente aumento de preços.